

Dilma e a Crise

Não é mais segredo para ninguém que nossa presidente é a bola da vez. Parece que só na semana passada, a presidente descobriu isso.

Não vou, não vou, não vou

Se o verbo fosse dar, pareceria a criança que teme por seu doce. A Folha disse na entrevista com ela: “Tem gente no PMDB querendo tirar a sra. do cargo”.

A presidente respondeu: Quem quer me tirar não é o PMDB. Nã-nã-nã-não! De jeito nenhum. E adiante: Eu não vou cair. Eu não vou, eu não vou.

Vai ou não vai?

A presidente disse, como vimos acima, que não é o PMDB que quer tira-la do cargo. Tem razão, mas não pelo que indica. Ela quer dizer que tudo é culpa da oposição golpista. Não é. O povo brasileiro se sentiu traído quando a presidente tenta aplicar o programa do candidato Aécio. A crise social, patrocinada por ela e pelo representante da banca, agudiza os problemas dos trabalhadores. A aprovação da presidente caiu a menos de 10%. Esses são os elementos principais da crise.

Quem não quer a presidente fora do palácio? Quase todo o mundo quer.

Ela deveria dizer: não é somente o PMDB que quer me quer fora do cargo....

Mulher de Malandro

As condições políticas para o afastamento da presidente estão dadas. A presidente não vê nada. Quando afirmou que o PMDB não quer tira-la do cargo, acrescentou: o PMDB é ótimo.

Pois é esse PMDB que joga areia na maquinaria presidencial. Vota uma parte do ajuste, mas acrescenta novas e desmesuradas despesas. O famigerado Eduardo Cunha despreza o PT e o atropela. Renan transformou o Senado em uma casa de oposição. Mas a presidente acha que o PMDB é ótimo.

Virá o impeachment?

Depende de algumas decisões. Do Superior Tribunal Eleitoral. Do Tribunal de Contas. Este julga as contas da presidente. Aquele as contas da candidata. O PSDB, tão falso quanto a presidente - pois vota contra tudo que defendeu na campanha eleitoral - vai votar o impeachment assim que tiver um pretexto legal. Nas condições de hoje, o PMDB votará também, o máximo que a presidente terá será o apoio de uma minoria. O resto dos partidos aliados está traindo também, com raras exceções.

Só a presidente não vê. Julga que o que existe é um mero revanchismo do trêfego Aécio.

E a esquerda?

Leiam a matéria aí no outro link.

Por uma frente contra o arrocho fiscal do Governo e em defesa do emprego, do salário e da renda do trabalhador brasileiro

É tarefa urgente e inadiável para a esquerda brasileira a constituição de uma frente ampla, liderada pelos movimentos sociais, contra o arrocho fiscal e em defesa do emprego, do salário e da renda do trabalhador. Este deve ser o centro da luta política daqueles que pretendem barrar o retrocesso em relação às conquistas que tivemos na última década, com a redução da desigualdade social e o aumento da participação dos salários na renda nacional. Este é o principal risco de retrocesso hoje, e vem diretamente da política econômica aplicada pelo Governo.

Como organização que se situa na oposição de esquerda à Dilma (e que acredita que é na oposição que a esquerda poderá encontrar as melhores condições para sua necessária reorganização), nós da Ação Crítica não temos obviamente condições de participar de nenhuma frente política que em qualquer instância se proponha a defender o Governo. Acreditamos que, mesmo para os setores da esquerda que ainda mantêm seu apoio à Dilma, centrar a política em qualquer pauta que no fim das contas seja utilizada para a defesa do Governo “contra o avanço do conservadorismo”, ou “em defesa da legalidade democrática”, é um suicídio político. Não que não achemos importante barrar o avanço conservador ou defender a democracia. É claro que achamos.

Mas o Governo Dilma é indefensável. Sua política econômica joga o País na recessão, agravada pela escalada incessante e injustificável da taxa básica de juros definida pelo Banco Central. O trabalhador paga com a perda do emprego, a queda na já precária qualidade dos serviços públicos e a diminuição de sua renda e de seu salário. E, justo neste momento, o Governo ainda restringe o acesso ao seguro desemprego. Defender um governo que aplica políticas de direita na economia, e que caminha a passos largos para a derrota devido à grande – e justificada – insatisfação popular é uma armadilha mortal para a esquerda, pois ela marchará em lado oposto à classe trabalhadora, que, por ver deterioradas suas condições materiais de vida, só se mobilizará se for para enfrentar a atual política governamental.

São a situação econômica e a luta contra o arrocho e em defesa do emprego, do salário e da renda do trabalhador que mais diretamente dizem respeito ao dia-a-dia da população, e por isso possuem maior capacidade de impulsionar a mobilização popular. Se a esquerda não empunhar firmemente essa bandeira, outros o farão. É o que a direita já anuncia fazer em agosto. Esta é a tarefa central inadiável que está colocada para a esquerda brasileira neste momento. Nós da Ação Crítica queremos contribuir com o que for possível para a constituição de uma frente ampla que impulse essa luta.

Dilma e a inflação

Outro dia, em entrevista à TV, a presidente insinuou que a inflação era causada pela desvalorização do real. Patranha. A inflação vem subindo durante todo o governo Dilma.

Além disso, ela mesma provocou o caos no setor elétrico. Pensando nas eleições, Dilma decidiu baixar as tarifas da energia. Fez uma tremenda demagogia, brigou com Deus e o mundo. No ano passado, apagões. Agora, subida espantosa dos preços: 42% somente neste ano. E o aumento da tarifa ainda não acabou. Somente os paulistas ainda vão pagar mais 17% até o fim do ano.

A presidente não precisa ir muito longe para saber quem causa a inflação.

Tecnologia e soberania

Deu na coluna do Ilimar Franco, no Globo do dia 8 de julho: o setor de inteligência das Forças Armadas detectou o instrumento usado pela CIA e pela NSA para espionar a aeronave presidencial da Dilma. Trata-se do sistema de comunicação do avião, que é norte-americano e pode ser acessado a qualquer momento.

O Brasil está ficando cada vez mais para trás em termos de tecnologia de ponta. A precariedade do programa aeroespacial brasileiro é exemplo gritante disso. Não temos nenhum satélite em órbita com tecnologia exclusivamente nacional, o que facilita a espionagem e a obtenção de informações privilegiadas por parte de outros países (Estados Unidos à frente). E não temos sequer um plano consistente e com recursos garantidos para correr atrás de superar esse atraso.

Mas há quem pense que o central para a soberania nacional é a forma de extração do petróleo, como se ainda estivéssemos na metade do século passado...